

## O ETHOS DISCURSIVO EM O JORNAL DAS SENHORAS: A VOZ FEMININA NO SÉCULO XIX

### THE DISCURSIVE ETHOS IN O JORNAL DAS SENHORAS: THE VOICE FEMININE IN THE 19TH CENTURY

Sandro Luis Silva\*

#### **Resumo:**

Os dois principais centros da produção periodística feminina no Brasil se concentraram em Recife e no Rio de Janeiro e desta cidade saiu o primeiro jornal dirigido por uma mulher, que circulou nos anos 1852, 1853 e 1855. Este artigo objetiva socializar reflexões sobre a voz feminina no século XIX e a constituição do ethos discursivo feminino, a partir de uma pesquisa cujo corpus são os editoriais do jornal impresso *O Jornal das Senhoras*. Analisamos o editorial da edição de 08 de maio de 1853. Pautamo-nos nos estudos de Maingueneau (1997, 2008, 2011, 2015 e 2016) e Amossy (2008), quanto ao discurso e ao ethos discursivo. E, ainda, em Melo (1985), Souza (2006) e Silva (2007), no tocante ao editorial e Sodré (2011), Mouillaud e Porto (2012), Buitoni (1981, 2009) quanto à imprensa escrita. A análise do discurso do corpus constatou que a voz enunciativa revela não só a consciência da realidade em que estava inserida, como também a necessidade de se lutar pelos direitos das mulheres daquele século XIX no Brasil.

**Palavras-chave:** discurso; jornal; ethos feminino.

#### **Abstract:**

The two main centers of women's journalistic production in Brazil were concentrated in Recife and Rio de Janeiro and from this city came the first newspaper directed by a woman, which circulated in the years 1852, 1853 and 1855. This article aims to socialize reflections on the voice feminism in the nineteenth century and the constitution of the feminine discursive ethos, based on a research whose corpus are the editorials of the printed newspaper *O Jornal das Senhoras*. We analyze the editorial of the May 08, 1853 issue. We focus on the studies of Maingueneau (1997, 2008, 2011, 2015 and 2016) Amossy (2008) on discourse and the discursive ethos. And in Melo (1985), Souza (2006) and Silva (2007), regarding the editorial and Sodré (2011), Mouillaud and Porto (2012), Buitoni (1981, 2009) regarding the written press. The analysis of the corpus discourse found that the enunciating voice reveals not only the consciousness of the reality in which it was inserted, but also the need to fight for the rights of women of that nineteenth century in Brazil.

**Keywords:** speech; newspaper; female ethos.

---

\* Professor Adjunto III do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras - mestrado acadêmico - da Universidade Federal de São Paulo, campus Guarulhos.

## Considerações Iniciais

Vivemos um período em que o número de meios de comunicação aumenta cada vez mais, levando a informação a milhares de pessoas. Com o advento da internet, outras possibilidades de obter informação foram surgindo. É inegável o fato de que o jornal constitui-se ainda em um dos principais meios de comunicação da sociedade desde sempre. Na contemporaneidade, encontramos o impresso e o *online* e neles encontramos textos com as mais diversas características: alguns com o propósito de informar sobre acontecimentos, em outros a opinião daqueles que os assinam; há ainda os textos publicitários, os de entretenimento, dentre outros.

Quando pensamos a história do jornal, observamos que há trajetória marcada por uma série de mudanças não só pela estrutura, mas também por quem enunciava e o que enunciava. Tendo em vista o objetivo deste artigo - análise do *ethos* discursivo feminino no editorial de *O Jornal das Senhoras* - vamos nos ater ao século XIX, tão-somente, quando este jornal foi produzido e publicado, no Rio de Janeiro.

Naquele século, os jornais passaram a ser uma das principais mídias, se não a mais importante, para a divulgação de informações. Essa mídia fez com que o período entre 1890 e 1920 ficasse conhecido como “anos dourados”. Muitos fatores, sobretudo os sociais, contribuíram para que houvesse uma expressiva colaboração para que jornalismo se expandisse, assim como a escolarização da sociedade e o próprio processo de urbanização, o que implicou uma maior divulgação desta mídia. De acordo com Cruz (2000, p. 42),

Seria principalmente nas últimas décadas do século XIX, surpreendida pela turbulência das transformações sociais, que a cultura letrada e a imprensa começariam decididamente a avançar para além das elites tradicionais. Nessa época, em ritmo acelerado, no compasso de um modo de vida que exporta capitais e invade rapidamente inúmeros espaços do planeta, a história da formação das metrópoles brasileiras multiplica o tempo e a experiência social.

O século XIX é apontado como o período da História de maior importância para a imprensa, quando o jornalismo se expandiu, transformando-se em um negócio

lucrativo e rentável, conseguindo sua independência econômica em relação aos subsídios políticos que dominava a imprensa em seus primórdios (TRAQUINA, 2001).

Em 1852, surge, no Rio de Janeiro, *O Jornal das Senhoras*, fundado pela feminista argentina Juana Manso, o qual tinha como objetivo tratar de temas como belas-artes, literatura, moda, além de tentar despertar a consciência feminina para que a mulher reivindicasse melhores condições educacionais e acesso ao mercado de trabalho. O jornal teve suas publicações em 1852, 1853 e 1855.

No Brasil daquele momento, ler era um privilégio para poucos; escrever, privilégio maior. Esse fato era destinado para os homens; havia certa obrigação de se informar para estar inserido socialmente. Poucos eram os espaços sociais e intelectuais destinados às mulheres.

Vários eram os gêneros que circulavam nos jornais, dentre eles o editorial, cujo objetivo é informar opinando. Os acontecimentos são relatados sob a subjetividade do enunciador, que acaba por levar o destinatário a construir uma imagem deste que enuncia, ou seja, constrói-se o *ethos* discursivo. Evidencia-se a posição da mídia, ou seja, da empresa pelo qual o jornal é veiculado. Trata-se de um gênero mais opinativo do que informativo. Ele possui um fato e uma opinião.

Feitas essas considerações iniciais, propomos neste artigo analisar o editorial publicado em *O Jornal das Senhoras*, do dia 08 de maio de 1853, considerando os aspectos argumentativos e a constituição do *ethos* discursivo da enunciativa.

Para atingir o objetivo proposto, dividiremos o artigo em dois momentos: no primeiro, traremos à baila alguns conceitos que embasarão a análise: *ethos* discursivo (Maingueneau, 2011, 2015, 2016) e Amossy (2005), argumentação (Fiorin, 2015, Koch & Elias, 2017), considerando, ainda, o gênero discursivo editorial (Silva, 2012). Na segunda parte, analisaremos o *corpus* escolhido, seguido das considerações finais e das referências.

## 1. Um pouco de teoria

Vários foram os jornais que surgiram naquele período do século XIX e, dentre eles, *O Jornal das Senhoras*, não só voltado para o público feminino, como também por ele escrito e dirigido. Esse jornal era de responsabilidade de Joana Paula Manso de

Noronha e, a partir de 1852, “parece ter sido um dos primeiros a contar com mulheres na redação”. (BUITONI, 1981, p. 15).

*O Jornal das Senhoras* trazia editorial, crônicas, ilustrações, moda. O primeiro número da publicação data de 8 de maio de 1853 e apresenta um discurso de contestação da editora, “estou quase convidando-vos, querida leitora, para concitarmos um movimento contra os Salões. Esta inação é insupportavel.”

De acordo com Buitoni (2009, p. 45), “a linguagem não serve apenas para relatar ou descrever. A linguagem diz as coisas. E a imprensa feminina, sendo linguagem, diz a mulher. Ela produz formas, configurações que não aparecem à primeira vista.”. E assim, acreditamos, é o *ethos* discursivo.

Maingueneau (1997) considera que a linguagem é um fenômeno que deve ser compreendido não só em relação ao seu sistema interno, que exige dos seus usuários uma competência específica, mas também forma de interação do homem com o seu meio. Para o autor, a linguagem é marcada pela “dualidade radical da linguagem, a um tempo só, integralmente formal e integralmente atravessada pelos embates subjetivos e sociais”. (MAINGUENEAU, 1997, p.12). A linguagem, assim, constitui-se em um resultado de atividade humana, de um agir discursivo no mundo que situa o ser humano sócio-discursivamente.

Por meio da linguagem construímos o *ethos* discursivo daquele que enuncia. A imprensa surge de necessidades sociais; estabelece-se, assim, uma relação entre mídias e sociedade como indissociável, ou seja, a primeira é uma forma de materialização de seres humanos que se fazem na/pela linguagem. Compreende-se o *ethos* discursivo quando é perceptível a interação entre história, sujeito e sociedade.

De acordo com Maingueneau (2011), o *ethos* discursivo dos sujeitos enunciadorees pode ser construído, observando:

- (i) o lugar de onde falam;
- (ii) o uso das estratégias linguístico-discursivas utilizadas por eles;
- (iii) os possíveis efeitos de sentidos produzidos no discurso desses sujeitos;
- (iv) dos sentidos atribuídos à realidade em que estão inseridos.

E o *ethos* é construído pelo discurso, no momento da enunciação. O discurso é a linguagem em ação (Maingueneau, 2011). É pressuposto, neste texto, que a linguagem é uma construção social, em que dialogia e interação se constituem como seus elementos fundamentais. Considera-se que a compreensão do domínio da própria autonomia discursiva também é construída na interação social que se realiza entre os sujeitos numa situação enunciativa.

“O Jornal das Senhoras” trata-se de um dos primeiros, se não o primeiro jornal escrito e dirigido por mulheres, com existência efêmera, publicado na primeira fase do jornalismo brasileiro, marcada pela insipiência da imprensa nacional. (Sodré, 2011). A Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro guarda os exemplares publicados naquela época.

Durante os seis primeiros meses, o jornal foi dirigido pela argentina Joana Paula Manso de Noronha, que morava na Corte, onde lecionou, atuou em vários jornais e publicou diversos trabalhos literários. Ela foi substituída por Violante Atalipa Ximenes de Bivar e Velasco, tradutora de várias comédias italianas e francesas. Pelos mesmos motivos de Joana Paula, ela deixou a direção do jornal, que passou a ser conduzido por Gervásia Neves até 1856, que prometera a volta das edições em 1857, o que não ocorreu.

Analisaremos o editorial publicado em 08 de maio de 1853. Evidenciamos como o *ethos* discursivos da enunciativa revela um movimento de ruptura e continuidade da voz feminina daquele Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX.

## **2. O *ethos* discursivo: a voz feminina do século XIX**

De acordo com Amossy (2005), qualquer ato de tomar a palavra implica, necessariamente, “a construção de uma imagem de si” (2005, p. 9), ou seja, a construção da imagem dos enunciados daquele discurso. E essa imagem cria rupturas e continuidades face a determinadas ideologias.

No editorial de O Jornal das Senhoras encontramos os indícios da posição da enunciativa em relação à importância que o jornal assume naquele momento: fazer uma contestação em relação aos salões fluminenses, frequentados apenas por homens.

Como afirma a enunciativa: “Hoje! ainda não sei o que determinão os vice-reis dos salões: parece que dormem o som na região sobre os coxins da indiferença, ...” Ela reforça a ideia de que os homens, representados pela figura dos “vice-reis”, não perceberam a importância da figura feminina nos salões, que podem engrandecer o ambiente, tal qual aquele que predominava no Rio de Janeiro daquele tempo:

Oh! neste mez era o Rio de Janeiro um mimoso e elegante jardim de centenas de lindas e odoríferas flores desabrochando ao tepido calor dos resplandecentes salões fluminenses, inquietas balançando-se ao sopro de perfumada aragem, erguendo-se viçosas ao som dos hymnos das palmeiras accordes.

Podemos confirmar que o enunciado traz marcas linguísticas que assinalam a opinião da enunciativa. São marcas de natureza variada. Exemplificam essa afirmação as expressões: a interjeição “oh!”, os adjetivos “mimoso”, “elegante”, “lindas”, “odoríferas”.

Ela, no entanto, mostra-se triste com a situação; ela leva o destinatário a construir o *ethos* discursivo de uma mulher inconformada com a realidade em que está inserida, pois, em suas palavras, “estou aborrecida, desta apathia em que vivemos; estou quasi convidando-vos, querida leitora, para concitarmos um movimento contra os Salões. Esta inação é insupportavel.”. Ela dirige-se diretamente ao leitor, por meio do pronome pessoal oblíquo “vos”, promovendo uma maior aproximação entre eles.

Num tom de protesto, a enunciativa enfatiza a ideia de que “vive-se uma apathia” e, por isso, levanta a hipótese de um movimento das mulheres contra os Salões, já que os homens não permitem a presença delas. Por que protesto? Porque ela evidencia que frequentar os salões é um prestígio das mulheres, uma vez que elas podem “embelezar o espaço”, como numa espécie de “mimoso e elegante jardim de centenas de lindas e odoríferas flores...”; ela se expressa em tom de desacordo, tendo em vista o fato de caber só ao homem o prestígio de frequentar os salões. Eles não perceberam a importância da presença feminina neste espaço.

Considerando os implícitos subentendidos, aqueles que podem ser inferidos de determinada proposição, mas não inscritos nela, é possível verificar, diante do posicionamento da enunciativa, que ela volta-se para um movimento de ruptura com

o pensamento daquele Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX. Isso corrobora com a afirmação de que “a apresentação de si é tributária dos papéis sociais e dos dados situacionais” (AMOSSY, 2005a, p. 13).

O *Jornal das Senhoras* utilizou uma estratégia linguístico-discursiva interessante: embora o título traga a expressão “das Senhoras”, seu discurso dirigia-se também aos homens, pois elas tinham consciência de sua condição de inferioridade na sociedade tradicional e conservadora daquele Rio de Janeiro. Para a editora do Jornal, era preciso conscientizar os homens da importância de respeitar os direitos da mulher. Segundo a enunciativa, se os homens soubessem o que de “lindo elegante, rico, distinto, fabuloso, está por ora guardado nos gavetões das nossas primeiras modistas.” Revela-se o *ethos* discursivo de uma mulher consciente do papel social da mulher nos diferentes ambientes sociais do Rio de Janeiro que, se por um lado engrandecia, por outro destruía. Como aponta Maingueneau (2008, p. 63), “o *ethos* é uma noção fundamentalmente híbrida (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, ela própria integrada a uma conjuntura sócio-discursiva determinada”. Constrói-se um *ethos* discursivo de uma enunciativa que se posiciona criticamente diante de um evento, isto é, “uma situação de enunciação precisa”, como diz o autor francês.

A presença dessa voz feminina no editorial do jornal é um convite para o enfrentamento de certo perigo: a mulher, ao se lançar como frequentadora dos salões fluminenses, rompe com uma tradição, levando à constituição de seu *ethos* discursivo para outra dimensão. A representação da mulher como mãe, dona de casa, aquela que vivia para a família rompe-se; abre-se espaço para novas atividades, novos olhares. Rompe-se com um determinado pensamento no Brasil, procurando dar continuidade àquilo que já acontecia na Europa e nos Estados Unidos da América, como diz a própria enunciativa:

Vêde os nosso figurinos, avaliai por eles que magníficos estofos, que deliciosos enfeites, não devem ser os que a ultima moda criou sobre a vificadoura influencia da primeira estação do novo império.  
A estampa que vos damos hoje é mais uma das que está no mesmo caso; ainda outras muitas temos de vos apresentar, antes de poderdes fixar

sobre ellas a vossa definitiva escolha, todas de figurinos de baile, soirées, teatro, que são as que devemos receber de Paris...

Ela pauta-se por elementos bastante significativos, não só na sua constituição linguística, mas na concepção sócio-histórica. O costume de mulheres se dedicarem a essas atividades remete-nos a ruptura de certa rigidez, de certo “tradicionalismo”, porém, notamos, no decorrer do discurso proposto, que a enunciativa introduz conceitos da emancipação feminina, algo que a princípio nos parece contraditório, ou ainda funciona como uma estratégia do discurso. Percebemos um desejo da enunciativa em esclarecer não apenas o motivo de se frequentar os salões fluminenses, como também o próprio motivo de existência da presença da figura feminina neste espaço – além de “acompanhar a moda do mundo”, construindo uma nova imagem para a figura feminina: aquela capaz de conciliar diferentes atribuições, inclusive de frequentar os salões, embelezando-os, tornando-os mais elegantes.

A construção do *ethos* feminino dessa enunciativa ocorre a partir da cenografia que se configura. O quadro cênico legitima o dizer da enunciativa, pois se trata de um editorial de um jornal feminino. A cenografia leva o leitor a encontrar um posicionamento de um EU que procura construir uma verdade; evidencia a mudança que se faz necessária na realidade daquele Rio de Janeiro. Cria-se o *ethos* discursivo de uma mulher que está ligada aos acontecimentos do mundo, às transformações sociais. Ela fala “Já que não posso dar-vos notícia do Cassino, vou ocupar-me em descrever a Estampa”, o que irá refletir diretamente na sua credibilidade junto ao leitor. Trata-se de um discurso de resistência a uma sociedade machista.

Essa asserção, modalidade incluída no modo delocutivo, mostra um modo de dizer bastante claro sobre o objetivo da enunciativa no editorial: criar um sentido de verdade daquilo que afirma. O modo delocutivo caracteriza-se pelo fato de que aquele que enuncia não assume a responsabilidade do sentido. É como se ele existisse por si só. Há um distanciamento desse sujeito em relação ao seu discurso, como se observa nas palavras da Redatora, que se posiciona como testemunha de uma realidade que está acima de sua vontade e põe em evidência o efeito de objetividade do fato, uma vez que o dito não pertence àquele que enuncia.



No entanto, pode-se dizer que o modo delocutivo é mesclado ao elocutivo, em que o sujeito é capaz de manifestar-se no discurso. Ao enunciar “a vida e o movimento dos salões era então a florida corôa florente Maio”, a enunciadora aproxima-se da realidade do século XIX, manifesta seu ponto de vista, e, através dessa afirmação, tenta convencer, ou mesmo alertar sua leitora do fato consumado de que os tempos são outros e a sociedade do Rio de Janeiro não tem como negar esse fato.

A enunciadora se dirige, primeiramente, às mulheres, como exemplifica o editorial: “querida leitora”. No entanto, ela direciona sua fala ao destinatário dessa situação comunicativa – as mulheres – reafirmando o objetivo inicial de *O Jornal das Senhoras*. Mas, há, ainda, outro sujeito destinatário desse discurso, uma vez que há no corpo do texto, elementos que nos levam a considerar que o homem também seja alvo dessa proposta de comunicação. Encontramos marcas de falas que expõe esse fato: “Os Leons, os Dendys, os elegantes em peso, corrião, voavão pressurosos, e à porfia delicados e attentos, admiravão a beleza, adoravão os encantos, aspiravão o perfume das flores”, que metaforicamente estariam representando as mulheres.

Segundo Amossy (2005b, p. 124):

A construção discursiva do ethos se faz ao sabor de um verdadeiro jogo espetacular. O orador constrói sua própria imagem em função da imagem que ele faz de seu auditório, isto é, das representações do orador confiável e competente que ele crê ser as do público.

No editorial que constitui o *corpus* deste artigo, fala-se da imagem que se constrói dela tendo em vista dois públicos-alvo: o homem e a mulher. Há ainda no texto alusão à figura masculina, quando a enunciadora assume o pressuposto de que antigamente homens e mulheres frequentavam os salões. Como ela mesma afirma: “Mas isto era o anno passado”. No entanto, houve mudanças e “os vice-reis dos salões: parecem que dormem” e não percebem a importância da figura feminina nesse ambiente. Há uma referência feita aos homens, que eram quem mais tinha acesso aos salões daquela época. Confirma-se, mais uma vez, que o periódico *O Jornal das Senhoras* também era destinado aos homens.

O caminho percorrido linguisticamente pela enunciativa leva a leitora a construir a imagem daquele que enuncia: uma mulher que encoraja as outras mulheres a exteriorizar o pensamento, incentivando-as, encorajando-as. As propostas feitas por ela neste editorial marcam um comportamento alocutivo, ou seja, ela se dirige ao público, propondo, sugerindo, direcionando-se ao outro. No ato alocutivo, o "eu" enuncia sua posição em relação ao "tu". Este é determinado sob a forma de um pronome pessoal (tu, você, senhor etc), em frases interrogativas ou imperativas. Há uma simulação de diálogo direto entre os sujeitos. As regras languageiras atribuídas a eles são de duas ordens: uma de superioridade e outra de inferioridade.

A enunciativa propõe aos(as) leitores(as) executar as ações descritas, atribuindo a si um estatuto de saber e de poder. Ela propõe um trabalho colaborativo entre as mulheres para romper com a tradição de que só o homem deve e pode frequentar os salões. O *ethos* que se constitui é da mulher que pensa em liberdade e autoridade, liberdade de consciência, igualdade. Considerando a realidade sócio-histórica do século XIX, parece-nos bastante ousado, ou mesmo desafiador para uma mulher que a priori não tinha muita abertura no espaço público. E para surpreender um pouco mais, a enunciativa propõe a igualdade desses direitos a homens e mulheres.

Para sustentar seu discurso, vemos surgir um *ethos* discursivo de uma mulher que está atenta aos acontecimentos, capaz de recuperá-los e registrá-los através do periódico. Ela percebe as sutilezas, as mudanças e as injustiças do espaço em que vive, a realidade brasileira, e, portanto, apresenta-se como alguém capaz de reconhecer também e acolher a realidade feminina. Esse percurso histórico contribui para a construção desse *ethos* discursivo de mulher engajada politicamente, interessada na formação histórica e, possivelmente, nos caminhos futuros que terão as páginas da realidade brasileira – em especial a feminina em *O Jornal das Senhoras*.

A enunciativa apresenta ainda outro *ethos* discursivo, o da militante: “Esta inação é insupportável”. Há, aqui, uma conclusão implícita: a sociedade precisa de mudança; a forma de ver o mundo precisa ser "atualizada". Com esse discurso, há um pedido, ou mesmo uma ordem implícita.

A publicação do periódico oferece subsídios às ideias da enunciativa, que constitui, na enunciação, o *ethos* discursivo de uma mulher cujo objetivo era combater a ignorância e defender os direitos das mulheres daquela época. A mulher projetada no discurso jornalístico carrega consigo imagens diversas que traçam seu *ethos* discursivo. Com a intenção de analisar essa construção discursiva, pudemos, a partir do modo de organização enunciativo, delinear a imagem que identifica a jornalista/redatora, através de seu periódico. A imagem de enunciativa, comunicada a nós, é de uma mulher responsável por revelar aos outros, aquilo que ainda não o sabem, tanto aos homens – que o saber não é propriedade de poucos –, como às mulheres – que podem se instruir e adquirir direitos como os homens. Vemos assim, a finalidade informativa do discurso e o gênero editorial cumprindo seu papel, ou seja, de argumentar sobre um determinado acontecimento de uma época.

A enunciativa se apresenta ainda como portadora de uma visão do todo, com quem é capaz de observar, analisar e julgar o que acontece ao seu redor. Essa projeção assemelha-se ao que entendemos hoje como sendo função do jornalista. *O Jornal das Senhoras* trazia não apenas textos sobre moda, literatura, receitas de cozinha, como também ideias, ideais e sugestões, pensamentos e críticas. Foi um periódico que marcou época, mesmo com o pequeno tempo de circulação.

A enunciativa assume a posição daquela que também tem a função de mudar, de alertar, de “fazer saber” e “fazer crer”, pois este é o papel próprio do jornalista - aquele que clareia algo, que mostra o verdadeiro – efeito de verdade –, que se coloca na posição de quem sabe mais e tem o “dever” de expandir seus saberes, de compartilhá-los com seus leitores, destinatários. Nesse caso, vemos que muito mais do que “fazer saber”, *O Jornal das Senhoras* pretende fazer crer determinada realidade e ainda mais, “fazer crer” que a solução, a resposta a essa necessidade de mudança e progresso na sociedade está na educação e instrução da mulher e na ruptura de um pensamento tradicionalmente machista e conservador. Procura conscientizar homens e mulheres dos valores desta face às diferentes atividades que ela pode exercer socialmente.

## Considerações finais

Pela análise apresentada, foi possível observar que a enunciativa se apresenta ainda como portadora de uma visão do todo, com quem é capaz de observar, analisar e julgar o que acontece ao seu redor. Essa projeção assemelha-se ao que entendemos hoje como sendo função do jornalista. *O Jornal das Senhoras* trazia não apenas textos sobre moda, literatura, receitas de cozinha, como também ideias, ideais e sugestões, pensamentos e críticas.

Por meio do editorial, a enunciativa assume a posição daquela que também tem a função de mudar, de alertar, de “fazer saber” e “fazer crer”, pois este é o papel próprio do jornalista - aquele que clareia algo, que mostra o verdadeiro – efeito de verdade –, que se coloca na posição de quem sabe mais e tem o “dever” de expandir seus saberes, de compartilhá-los com seus leitores, destinatários. Vemos que muito mais do que “fazer saber”, *O Jornal das Senhoras* pretende fazer crer determinada realidade e ainda mais, “fazer crer” que a solução, a resposta a essa necessidade de mudança e progresso na sociedade está na educação e instrução da mulher e na ruptura de um pensamento tradicionalmente machista e conservador. Procura conscientizar homens e mulheres dos valores desta face às diferentes atividades que ela pode exercer socialmente.

## Referências:

AMOSSY, R. Da retórica de ethos à análise do discurso. In: **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005a. p.9-27.

AMOSSY, R. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005b. p. 119-144.

BUITONI, D. S. **Mulher de Papel**. São Paulo: Summus, 2009.

\_\_\_\_\_. **A imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1981.

CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

CRUZ, H. de F. **São Paulo em Papel e Tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915**. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cenas da Enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **Discours et analyse du discours**. Paris: Armand Colin, 2014.

MELO, M. J. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MOULLAUD, M. e PORTO, S. D. (org.). **O jornal - da forma ao sentido**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2012.

PEREIRA, R. M. F.; ROCHA, T. F. da. **Discurso midiático: análise retórico-jornalística do gênero editorial**. Maceió, 2006.

REZENDE, F. O jornal e o jornalista: atores sociais no espaço público contemporâneo in SOUSA, M. W. (org.). **Recepção midiática e espaço público - novos olhares**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 179-198.

SILVA, P. H. **Os gêneros jornalísticos e as várias faces da notícia**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2007.

SOUZA, M. M. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. Universidade Federal de Recife. Recife, 2007.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

.....

Artigo submetido em: 09/01/2019

Artigo aceito em: 15/04/2019

SILVA, Sandro Luis. O ethos discursivo em O Jornal das Senhoras: a voz feminina no século XIX. **Revista DisSoL – Discurso, Sociedade e Linguagem.**, Pouso Alegre (MG), ano 5, nº 9, jan-jun/2019, - ISSN 2359-2192. Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí. pp. 182-194. Disponível em: <http://revistadissol.univas.edu.br> DOI: <http://dx.doi.org/10.35501/dissol.voi9.536>